

Sarney se despede sem imagem de magistrado

Envolvimento com a candidatura Santos levou último trunfo

João Bosco Rabello

BRASÍLIA — O envolvimento com a fracassada candidatura de Silvio Santos custou ao presidente José Sarney o último trunfo de que dispunha para reduzir a imagem negativa com que deixa o governo: o papel de magistrado com o qual acenara desde o momento em que constatou ser impossível influir no contexto de sua própria sucessão. A manobra lhe custou, ainda, o distanciamento de auxiliares diretos e de antigos aliados no Congresso. No Palácio do Planalto e no Congresso, o presidente contrariou projeções e expectativas em relação ao *script* que reservara a si mesmo na reta final do governo da transição.

Os ministros Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, e Ivan de Souza Mendes, do SNI, acompanharam com aflição o envolvimento de Sarney com a candidatura de Silvio Santos, que representava o fim da linha de neutralidade que já imaginavam consolidada no Planalto. Ambos acreditavam que a tentativa anterior de Sarney junto ao empresário Antônio Ermírio de Moraes não seria suficiente para desgastar o presidente. Não houve tentativas de afastar Sarney da aventura a que a Justiça Eleitoral pôs fim, porque na outra ponta do fio que a inspirou estava, entre outros, o deputado Sarney Filho, candidato ao governo do Maranhão, a "paróquia" que comandou todos os movimentos do presidente nesse episódio.

Frustrações — Para o SNI, segundo um oficial, o envolvimento de Sarney com a candidatura do extinto PMB, ou as versões que o dão como indiscutível, soma-se à série de frustrações que o órgão de informações colecionou ao longo dos cinco anos do governo de transição. Empenhado em transformar o SNI numa assessoria de elite do presidente da República, o general Ivan de Souza Mendes não conseguiu evitar os grandes escândalos dentro do governo, em que pesem as tentativas que moveu nesse sentido, antecipando-se a alguns deles, mas sem merecer atenção presidencial. Foi o caso, por exemplo, do ex-ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, a quem o SNI impunha restrições sob a indiferença de Sarney. "São frustrações que colecionamos, mas é assim mesmo", conforma-se o oficial.

O isolamento político de Sarney pode ser medido pelo ângulo que parecer mais conveniente ao analista interessado. Na sua agenda, ou informalmente em sua residência oficial, é raro constar um encontro com políticos. "Politicamente ele se isolou", atesta o líder do PMDB no Senado, Ronan Tito. No Palácio do Planalto, os dois ministros mais próximos — Ivan Mendes e Costa Couto — limitam-se praticamente aos despachos de rotina (antes eram comuns as conversas informais ao longo do dia).



Sarney: fim da isenção

Preocupação — Um dos auxiliares mais requisitados pelo presidente, o assessor para assuntos parlamentares, Henrique Hargreaves, depois de embarcar na "terceira onda", do candidato Afif Domingos (pelo qual Sarney chegou a se encantar), tinha uma única preocupação na quinta-feira passada: orientar colegas do Planalto escalados para acompanhar Sarney ao Paraguai, para procurarem uma peça do seu automóvel, um Mercedes antigo. Nada mais significativo, porém, que a recepção a Sarney no seu retorno de Assunção: na Base Aérea, apenas quatro ministros — Saulo Ramos (Justiça), Ivan Mendes, Costa Couto e Antônio Carlos Magalhães (Comunicações) — e dois jornalistas.

Para os líderes dos principais partidos no Congresso, Sarney deixa mal o Governo após envolver-se nessas articulações. O presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho, acha que ele agora leva apenas o mérito de ter instalado no país um clima de absoluta liberdade de expressão, que o deputado José Genoíno, do PT, acha que foi conquistado, "apesar do Sarney".

O líder do PMDB no Senado, Ronan Tito, concorda com Passarinho, mas acha que o desgaste se configura no veto ao prazo de filiação partidária. "Acho que ali ele se desgastou, embora o Congresso tenha sua parcela de culpa. Afinal, foi o permissivismo da lei que permitiu a candidatura de Silvio Santos", sustenta. O líder do PTB na Câmara, Gastone Righi, acha que Sarney poderia ter evitado tanto tumulto às vésperas da eleição e, com a ressalva de que o julgamento dele caberá à História, considera inevitável o desgaste. "Como magistrado ele não sai", afirma.

'Guru' prevê volta ao poder em 1994, nos braços do povo

Dora Tavares de Lima

SÃO LUÍS, MA — Seresteiro como Dóris Caymmi, com quem se parece muito, e vestido de branco, como um devoto de Iemanjá, o hoteleiro Moacyr Neves, a quem se atribui no Maranhão poderes de vidente e a condição de "guru" do presidente Sarney, prevê a volta do amigo "José" ao poder, na eleição de 94. "O povo exigirá sua volta, pode escrever", diz, com a convicção de quem há 10 anos previu — na presença do empresário Mathias Machline e de dona Marly — que Sarney seria presidente.

Como o amigo, com quem às vezes almoça no Palácio da Alvorada, Moacyr afirma não ter candidato nesta eleição, mas confessa que se não fosse o Tribunal Superior Eleitoral, Silvio Santos seria a sua opção. Tem certeza de que seja quem for o eleito fará um governo tão ruim "que as pessoas sentirão saudades e chamarão o José de volta". Enquanto isso, de acordo com suas previsões, Sarney estará cumprindo um mandato de senador "eleito pelo Maranhão, Piauí ou Goiás". Moacyr não se fia apenas em suas visões. Reza três vezes por dia para Sarney no altar, repleto de santos e velas acesas, que tem ao lado da cama.

Premonição — O vidente — que afirma ter previsto o sucesso de Roberto Carlos e o casamento de Cláudia Raia com Alexandre Frota — diz que Sarney só não morreu por causa de um conselho seu. Foi em 1972, quando sentiu que algo de ruim aconteceria ao amigo, então deputado, telefonou para Brasília e pediu que ele não viajasse para longe. Na hora, Sarney cancelou a viagem a Paris, no avião que caiu no aeroporto de Orly e matou o senador Filinto Müller e o cantor Agostinho dos Santos. Mas Moacyr Neves também deve muito a "José".

Engraxate quando menino, funcionário dos correios na juventude, Moacyr tornou-se dono de uma cadeia de hotéis e ostenta hoje o título de comendador graças a Sarney. Conheceu o governador José Sarney em 1968, ficou seu amigo e logo construiu o primeiro hotel em São Luís, o Olho D'Água Palace. O dinheiro para o financiamento conseguiu pela influência do governador junto aos bancos Nacional e do governo do Estado do Maranhão.

Moacyr chegou a ter quatro hotéis em São Luís, mas hoje se dedica apenas ao Hotel Panorama, que tem retratos de Sarney e Roseana no saguão. Seus dois carros Landau ficam à disposição do presidente e de dona Marly quando eles estão na cidade. Foi a esse amigo dileto que Sarney, logo após assumir a Presidência da República, condecorou com a Ordem do Rio Branco, a mais alta comenda nacional.